

TRÍADE. Redução orçamentária prejudica a integração entre ensino, pesquisa e extensão

# Universidade pode virar 'escolão'

Professores temem obstáculos à inovação e defendem que a formação acadêmica caminhe lado a lado com o trabalho científico

NIVIANE RODRIGUES  
REPÓRTER

Uma das principais razões de ser da universidade, a pesquisa, enfrenta as consequências da crise que se alastra pela instituição, põe em risco à inovação e amedronta quem defende que a formação acadêmica caminhe lado a lado com o trabalho científico. Professora de Pedagogia da Ufal no campus de Arapiraca, Neila Reis faz uma defesa veemente da produção científica para a formação dos estudantes universitários, futuros profissionais. "A essencialidade da Ufal é a pesquisa. Está ainda na qualidade dos ser-

viços que oferece, e não pode ser qualquer serviço. Passa pela responsabilidade com a formação dos profissionais que forma. A universidade não é um 'escolão'. Não é uma escola de terceiro grau. É uma instituição onde pesquisa e extensão devem ser priorizadas, além do ensino, obviamente", afirma Neila Reis, ao questionar: "Que profissional estamos formando?".

A professora lembra que a pós-graduação da Ufal é referência. "É a Ufal que faz 90% das pesquisas no Estado. Profissionais que estão na Petróbras, no Ministério Público, Judiciário, em todos os

campos do conhecimento de onde saíram? Da Ufal. A oferta de serviços da universidade é altamente social", diz Neila Reis, para quem a pesquisa de ponta "não deve ser apenas nas áreas de Engenharia, Medicina, mas também nas licenciaturas, onde a Ufal se destaca na formação. É preciso trabalhar para que o aluno tenha condições de fazer um TCC [Trabalho de Conclusão de Curso] de qualidade, não para engavetar ou fabricar um texto", ela afirma.

Em meio à conversa, a professora Suzana Barrios, do Centro de Educação da Ufal, campus A.C. Simões, pede a palavra para dizer que, "apesar da Ufal ser uma referência no âmbito de Alagoas em relação a outras instituições superiores, e isso é inegável, não queremos apenas ter essa referência, queremos



FOTOS: DÁRCIO MONTEIRO

Professora Suzana Barrios afirma que educação superior pública e de qualidade vem sendo precarizada com os últimos cortes no orçamento das universidades

que sejam preservados o ensino, a pesquisa e a extensão de forma integrada. Mas isso tem sido difícil. Vem sendo precarizado e com os últimos cortes [no orçamento] vai ficar muito mais complicado. Claro que a Ufal, no âmbito do Estado, é muito superior e de uma importância inegável em termos absolutos. Mas ela poderia ser muito mais. Incrementar muito mais em todas as áreas. Por exemplo, desde que eu conheço a Ufal, a área de Química é uma referência, o que não ocorre necessariamente em outras. A gente tenta ser essa referência em termos sociais, econômicos, políticos, cul-

turais. Mas, de fato, poderíamos fazer muito mais, principalmente diante do quadro complicado que é a educação básica".

Em meio à crise, os docentes, principalmente os que trabalham no interior, temem ainda que as prefeituras cancelem contratos e convênios com a universidade, que garante o transporte de alunos, sobretudo, em situação de vulnerabilidade.

"Deixo aqui uma mensagem às prefeituras sobre a importância social de manterem os convênios, cooperações técnicas com as universidades públicas, para garantirem o transporte escolar, por-

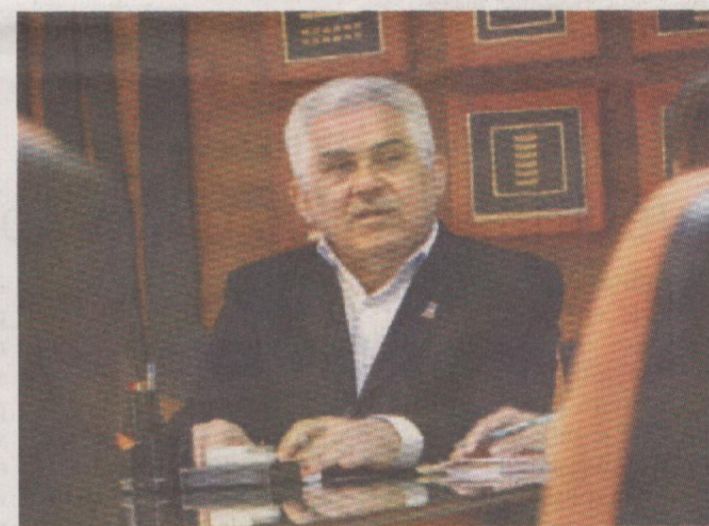
que a realidade do campus de Arapiraca e dos demais no interior é que a maioria dos estudantes tem uma condição socioeconômica de baixa renda. Muitos vêm da roça. Com todos esses impactos dos ajustes fiscais pode ocorrer que algumas prefeituras retirem ou diminuam o transporte. A retirada é um caos. O retraimento também. Estamos atentos para que isso não aconteça. Solicitamos aos prefeitos que garantam transporte. Esses alunos que estão saindo da Ufal serão futuramente os profissionais que vão atuar nos municípios", afirma Neila Reis, em tom de apelo.

## 'Para sobreviver é preciso fazer mágica', declara reitor da Ufal

O reitor Eurico Lôbo está consciente do momento delicado enfrentado pela Ufal, mas, apesar da crise, enxerga luz no fundo do túnel. Em meio a um processo de sucessão, o reitor tem trabalhado para "apagar incêndio". Diariamente, resolve demandas administrativas que até então não seriam da alçada do gestor maior da universidade, mas, diante do caos vivenciado, não há outra forma, senão intervir para evitar que a situação se agrave. Ligações para Brasília para garantir a liberação de recursos e evitar a paralisação de serviços essenciais passaram a ser frequentes. Trabalho antes feito por chefes de setores, acabaram indo parar na mesa do reitor.

"Temos tido uma interlocução direta com o Ministério da Educação, com a Secretaria Executiva, com a Secretaria do Sisu [Sistema de Seleção Unificada]. Mês passado, por exemplo, tivemos uma excepcionalidade, que foi o atraso no repasse de bolsas de estudantes e nós, numa negociação com o MEC, conseguimos fazê-lo. Agora mesmo [no dia da entrevista], estudantes estão mobilizados [a reunião aconteceu na antessala do gabinete do reitor] porque uma parte da bolsa está atrasada", disse Eurico Lôbo.

A situação das universidades públicas federais, segundo o reitor, "reflete a situação do País como um todo". Quando questionado sobre o que o futuro reitor (a) vai encontrar na Ufal, ele afirma: "Eu não vejo nenhuma possibilidade de horizonte sem nuvens turbulentas nos próximos dois anos, não. Então, acho que o próximo reitor, reitora, que assumir 2016, 2017, conforme as previsões dos economistas, dos planejadores mundo afora, enfrentará dias difíceis. No entanto, temos



Segundo Eurico Lôbo, 'a universidade não parou'

previsão para o orçamento de 2016 um pouco melhor do que o de 2015".

Eurico Lôbo descarta que a universidade esteja parada. "Estamos fazendo um esforço enorme. Apesar de todo esse cenário, temos mantido a universidade em funcionamento pleno, com limpeza, segurança. Tem aqui ou lá um desses setores com uma conta atrasada, mas está sendo negociado", revela.

Ele afirma, porém, que a universidade está vivendo uma nova dinâmica com o corte orçamentário, mas assegura que as obras que vinham sendo tocadas continuam. "Apesar desse cenário, a universidade tem mantido suas obras em funcionamento. É lógico que numa velocidade menor. Agora mesmo estou com o planejamento que nos próximos dois meses estaremos entregando à comunidade acadêmica 21 obras. São obras estruturantes, na capital e no interior, melhores laboratórios e ampliação de salas de aula. Portanto, apesar do cenário difícil, estamos caminhando. A universidade não parou", reforça.

O gestor ressalta que o que mudou foi a dinâmica que havia sido planejada para a construção e entrega das obras. "Se tem

uma obra que só termina em 2017, por exemplo, eu concluo cinco que estão previstas para 2015 e deixo aquelas que terminariam em janeiro para terminar em julho, agosto, por exemplo", diz ao ressaltar que "quando se tem um fluxo [financeiro] difícil, isso impacta nas empresas".

Não foram só os cortes no orçamento a trazer dor de cabeça para a gestão universitária, ressalta o reitor, mas sobretudo a falta de regularidade na liberação dos recursos. Inicialmente havia uma previsão de corte de 30% no valor da verba orçamentária para as instituições de ensino superior. O aumento foi maior.

"Tínhamos previsto para o ano passado um valor de capital da ordem de R\$ 44 milhões. Isso foi reduzido para a metade. Caiu para R\$ 22 milhões. E em custeio era algo em torno de R\$ 89 milhões. Além desses, tivemos outros cortes, como o que envolve os Programas de Apoio à Pós-Graduação e de Ensino a Distância", diz Eurico Lôbo.

Segundo o reitor da Ufal, "para sobreviver é preciso fazer mágica. É lógico que a crise imprime a necessidade de uma criatividade maior". NRQ